



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

Educação ambiental entre brincadeiras com os Mascarados do Congo nas oficinas culturais com cotidianos escolares

Andreia Teixeira Ramos¹
Martha Ferreira Tristão²

Resumo: O artigo é resultado de uma pesquisa de Mestrado com objetivo de cartografar e problematizar processos de produção dos Mascarados do Congo, e seus atravessamentos com redes de conversações cotidianas escolares. O aporte metodológico e teórico foi inspirado na pesquisa em Educação Ambiental (EA) e cartográfica e nos estudos com os cotidianos, envolvendo professores, estudantes, artesão, congueiros, com diário de campo, fotografias, gravações e transcrições. Com a pesquisa capturamos conversas tecidas com a produção dos Mascarados, apostando na EA autopoietica – produção de si mesmo, *autofazimento*, realizamos Oficinas Culturais de Sensibilização Ambiental, Máscaras de congo, Contação de Histórias, Percussão, Toadas e Cinema de Animação. O desejo foi articular vida cotidiana, cheiros, sabores, risos, saberes, poesias, fazeres, sons e afetos.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Redes de conversações cotidianas. Práticas culturais.

Environmental education using plays with *Mascarados do Congo* in cultural workshops with school everyday

Abstract: This article is the result of a Master research in order to map and discuss production processes of *Mascarados do Congo* (group of people who wears mask during Congo's tradition in the city of Cariacica), and its consequences using networks of school daily conversations. The methodological and theoretical approach was inspired by research in Environmental Education (EE) and cartographic studies. Furthermore, studies with daily, involving teachers, students, craftsman, *congueiros*, using field diary, photographs, recordings and transcripts. With the research we captured conversations woven with the production of *Mascarados*, betting on autopoietic EE –

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba (Uniso/SP). Agência de fomento CAPES. E-mail: andriatramos.ea@gmail.com

² Professora associada da Universidade Federal do Espírito Santo, (CE/Ufes/PPGE), coordenadora do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudos em Educação Ambiental (Nipeea-CNPq). Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Ufes. E-mail: marthatristao@terra.com.br

building and production of itself, we conducted Cultural Workshops for Environmental Awareness, Congo masks, telling stories, Percussion, *Toadas* (song of simple harmony) and Animated Film. The desire was articulate everyday life, smells, tastes, laughter, knowledge, poetry, doings, sounds and emotions.

Keywords: Environmental Education. Networks of daily conversations. Cultural practices.

Eu queria pegar na semente da palavra
(MANOEL DE BARROS, 2010)

Este artigo é resultado de uma pesquisa de Mestrado³ (RAMOS, 2013) no exercício de escrever e tentar *pegar a semente da palavra*, com as redes de conversações tecidas entre encontros e brincadeiras dos Mascarados do Congo nas Oficinas Culturais. O texto convida aos deslocamentos com movimentos da pesquisa em Educação Ambiental com inspirações na pesquisa cartográfica com os cotidianos. Nosso objetivo com a produção das Oficinas Culturais foi cartografar e *problematizar*⁴ a produção dos Mascarados do Congo de Roda D'Água, Cariacica/ES, e seus atravessamentos com as redes de conversações cotidianas de uma escola municipal da região rural.

Neste artigo nos ateremos as produções das Oficinas Culturais, que foram realizadas com os movimentos de produção de dados que compõem a pesquisa. A realização de atividades em modo de Oficinas Culturais intenciona enredar as teorias das práticas através das redes de conversações cotidianas da pesquisa.

Pensando com Maturana e Ximena (2009), a cultura em nossa vida cotidiana ocorre como uma rede fechada de conversações no entrelaçamento do linguajar e do emocionar, quando os seres humanos de diferentes culturas se encontram, podendo acontecer um encontro criativo, quando há aceitação do outro como legítimo outro na convivência, surgindo uma outra cultura na arte da conversa.

³ Esse texto-vida foi inspirado na pesquisa de dissertação de mestrado realizado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, intitulada, *Educação Ambiental entre os carnavais dos amores com os mascarados do Congo de Roda D'Água* (RAMOS, 2013) e teve como agência de fomento a CAPES. Um fragmento desse texto foi apresentado no 11º Encontro de Pesquisa em Educação da região sudeste (Anped Sudeste), como comunicação oral, evento realizado na Universidade Federal de São João Del Rei (MG) em outubro de 2014.

⁴ Revel (2005, p. 71) destaca que “[...] o termo *problematização* implica duas consequências. De um lado, o verdadeiro exercício crítico do pensamento se opõe à ideia de uma busca metódica da ‘solução’: a tarefa da filosofia não é, portanto, a de resolver – inclua-se: substituir uma solução por uma outra – mas a de ‘problematizar’, instaurando uma postura crítica e retomando os problemas. De outro lado, esse esforço de problematização não é um anti-reformismo ou um pessimismo relativista.

Nesse campo problemático, apostamos na Educação Ambiental *autopoiética*⁵ (MATURANA, 1999), pensada a partir dos estudos do biólogo chileno Humberto Maturana, que aprendemos que produzimos, desde nossos ancestrais, modos de vida como seres amorosos no conviver e compartilhar alimentos e cuidados, acoplando-nos as realidades e constituindo a noção de Autopoiese, que vem do grego: *autós*, próprio; *poiein*, *poiesis*, faço, fazer, o feito, é a produção de si mesmo, *autofazimento* que ocorre em redes de conversações.

Pensando com o Maturana (1999), queremos aqui considerar a Educação Ambiental Autopoiética com as redes de conversações cotidianas tecidas nessa comunidade escolar, entendendo-as como movimentos *rizomáticos* (DELEUZE e GUATTARI, 2011) em que os seres vivos constituem o mundo e são constituídos por ele, numa autoprodução, apostando nas relações, no compartilhar, na solidariedade e na aceitação do outro como legítimo outro junto a nós no conviver amoroso, negociando as tensões e os conflitos culturais da vida cotidiana.

O campo problemático desta pesquisa está inserido no contexto sociocultural marcado pelo hibridismo entre indígenas, negros e imigrantes europeus. A geografia da pesquisa está *entre* a Reserva Biológica Estadual de Duas Bocas e a Área de Preservação Ambiental Municipal Parque do Mochuara, a uma altitude aproximada de 500 metros, coberto pela Mata Atlântica.

O *Mascarado do Congo* é um personagem secular, singular, endêmico e patrimônio cultural e imaterial do município de Cariacica/ES, traduzido e atualizado por gerações, através das redes de conversações cotidianas. Nesse sentido, apostando na Educação Ambiental Autopoiética com a intenção de desprender-se dos discursos constituídos historicamente que escamoteiam singularidades potentes das práticas culturais em Cariacica.

⁵ A aposta em pensar a Educação Ambiental Autopoiética teve como dispositivo as conversas e produções de artigos envolvendo obras de Maturana e as suas parcerias com Varela (1995 e 1997), Verden-Zoller (2011), Rezepka (2000) e Yáñez (2009), sendo que os estudos desses trabalhos inspiraram produções de pesquisas em parceria entre o autor e autora deste texto, e que resultaram na dissertação de mestrado (RAMOS, 2013), tese de doutorado em educação (GONZALEZ, 2013) e outros artigos publicados em eventos acadêmicos (GONZALEZ e RAMOS, 2012 e 2014).



Imagem produzida pela autora na escola da pesquisa durante a realização do Carnaval de Congo de Máscaras de congo de Roda D'Água em Cariacica/ES.

Fonte: Arquivo pessoal da autora

TRAVESSIAS METODOLÓGICAS

*Nosso conhecimento não era de estudar em livros.
Era de pegar de apalpar e de ouvir e de outros sentidos.
Manoel de Barros (2010)*

As travessias metodológicas da pesquisa foram inspiradas nas pesquisas em *Educação Ambiental* (TRISTÃO, 2012) enredada com a *pesquisa cartográfica* (KASTRUP, 2007; PASSOS *et al*, 2010) e com os *cotidianos* (ALVES, 2010; FERRAÇO, 2003, 2005 e 2011).

A cartografia surge como princípio de rizoma, são múltiplas as entradas, é como mapa móvel, numa rede de experiências.

Faça rizoma, não faça raiz [...] seja multiplicidades! Faça a linha e nunca um ponto! A velocidade transforma o ponto em linha! Seja rápido, mesmo parado! [...] linha de fuga. Nunca suscite um General em você! Faça mapas. (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p.48).

A pesquisa percorreu travessias rizomáticas e *pousou* nos cotidianos escolares da Escola Municipal do Campo e Estação de Ciências Margarete Cruz Pereira, que no decorrer do texto chamarei de *Escola do Encantado*.⁶ Criada para receber os/as estudantes

⁶ O Congo do Encantado acontece no dia de Páscoa na Associação da Banda de Congo de São Sebastião de Taquaruçu. É o pré-Carnaval de Congo dos Mascarados de Roda D'Água, Cariacica, ES.

que moram em área rural do município funcionando em período integral, acolhendo no ano de 2012 aproximadamente 40 estudantes (uma turma de 6º e outra de 7º ano).

Destacamos como colaboradores na produção de dados, os habitantes das redes cotidianas da *Escola do Encantado*, professores/as, educadores/as, pedagogo, diretora, estudantes, cozinheiras, auxiliares de serviços gerais, vigias, motoristas, muitos deles com certo grau de parentesco com os congueiros/as da região, além de alguns serem membros das bandas de congo mirim e adulta de Roda D'Água/Cariacica/ES. Além disso, foram colaboradores desta pesquisa: mestre e artesão de congo, congueiros/as, filhos/as dos congueiros/as, que compõem a Associação de banda de congo de Taquaruçu.

A produção de dados aconteceu no acompanhamento dos fluxos de redes de conversações tecidas nas coletividades ao longo do ano de 2012, com a realização de Oficinas Culturais na *Escola do Encantado*, envolvendo os *sujeitos praticantes*⁷ das redes escolares. Utilizamos o diário de campo, além de fotografias, gravações e transcrições.⁸

BRINCADEIRAS COM OS MASCARADOS NAS OFICINAS CULTURAIS.

...É preciso AÇÃO AÇÃO AÇÃO...

Manoel de Barros (2010)

Ação! AnimaÇÃO! AÇÃO... a poesia de Manoel de Barros anima a produção das Oficinas Culturais. “*Dar a alma*”, em latim, significa *animar*. Ao dizer: “Amanheci com ânimo, animado”, é perceber que vivemos em movimentos, cheio de VIDA, energias e alegrias. “Anima” vem do grego “anemon”, que tanto podia significar “alma” como “movimento”, ou ainda, “vento”.

A animação, como arte de criar movimentos com meios técnicos, inventando formas de vida e ilusões de vidas inventadas. Os ventos trouxeram pistas *animadas* com as peraltices dos Mascarados nas Oficinas Culturais.

Fomos preenchidos e costurados pelas brincadeiras e peraltices dos Mascarados, que foram constituindo, como nas palavras de Ferraço (2003), meu próprio processo de investigação. Pesquisamos sobre nós mesmos, somos nossos próprios temas de investigação, quando mergulhamos nos cotidianos dos nossos trabalhos, que nos enreda, nos tece e nos costura.

⁷ Os *sujeitos praticantes* para Certeau (2008a) são sujeitos que inventam e reinventam os mundos nos cotidianos, nas artes de fazer com os *usos* de *táticas* e *estratégias* de resistências, se reapropriando, a seu jeito, do espaço e do uso do lugar praticado.

⁸ As conversações foram gravadas, transcritas e problematizadas de acordo com os objetivos da pesquisa, compondo o que chamamos de “Diário de campo”.

As pesquisas com os cotidianos, enredadas com as pesquisas cartográficas, estão abertas aos imprevistos, não enquadrada e aprisionada em modelos, não existindo um só caminho a seguir, com as complexidades e multiplicidades de possíveis com a Educação Ambiental Autopoiética.

Caminhos complexos, acidentais, plurais, multidimensionais, heterárquicos, fluidos, imprevisíveis, que se abrem e se deixam contaminar, permanentemente, pelas relações, pensamentos e imagens do mundo contemporâneo, enredando representações, significados e pessoas. Uma complexidade que não se esgota nunca e que, apesar de estar em todo lugar, não se deixa capturar. No máximo, ser vivida e com alguma dose de sorte, ser sentida (FERRAÇO, 2003, p.103).

Movimentos de intervenção com os cotidianos, os fios das palavras de Deleuze e Guattari (2003, p.38), “*Somente a expressão nos dá o procedimento*”. As paradas em movimentos, e os pousos da pesquisa, e as *expressões*, nos deram os *procedimentos* e pistas, para pensarmos e preparamos as Oficinas Culturais para mergulhar, acompanhar e capturar as redes de conversações cotidianas.

Nos exercícios de acompanhar processos, preparamos dispositivos para entrar na conversa, inspirados pelas artes, com usos de imagens, casacas, tambores, cd’s, dvd’s, sons, cores, cheiros, barros, chuvas, papietagens, tiras de jornais, amores, afetos, paixões alegres e paixões tristes, que povoam os Mascarados do Congo. A pesquisa com os cotidianos é um mergulho...

[...] mergulhar em realidades buscando referências de sons, capaz de engolir sentindo a variedade de gosto, caminhar tocando coisas e pessoas e me deixando tocar por elas, cheirando odores que as realidades colocam a cada ponto do caminho diário. (ALVES, 2010, p. 19).

Mergulhados com nossa aposta em pensar a Educação Ambiental Autopoiética, as Oficinas Culturais constituíram encontros e experiências com os sujeitos que habitavam os territórios existenciais da *Escola do Encantado*. Nos movimentos de invenções e reinvenções da pesquisa produziram diferentes *Oficinas Culturais na Escola do Encantado*, enredadas com os mascarados do Congo: Oficinas de Sensibilização Ambiental e conversações, de Máscaras e Contação de Histórias, de Percussão e de Toadas de Congo, de Técnicas de Cinema de Animação, Aulas de Campo. As atividades foram momentos e movimentos de devires Autopoiéticos... Educações Ambientais Autopoiéticas!

Numa conversa entre a pesquisadora e grupos de estudantes foi caminhar por entre as árvores, percebendo, seus saberes nas matas e seus saberes do território do brincar:

_ Como que você conhece todas essas coisas? Como você sabe o nome dessas plantas? – pergunto a criança.

_ Eu moro desde pequeno aqui e eu conheço essas plantas, eu gosto de plantas, quero estudar as plantas.

_ E o que você quer ser quando crescer?

_ Ah...eu quero estudar as plantas.

Reconhecendo atentamente as experiências com as Oficinas Culturais como potência de ação, exibimos, na *Escola do Encantado*, Produções Audiovisuais, Cinemas de Animação, e vídeos sobre o Congo de Roda D'Água. Capturamos fotos e imagens dos “bastidores” dos sujeitos praticantes envolvidos com a produção dos Mascarados, inventando bons encontros e experiências, entrelaçando os espaços de convivências da pesquisa, cartografando processos, relações, fluxos, linhas, gestos.

Os bons encontros seguíam as toadas, embalos e sons com as batidas dos tambores e os repiques das casacas dos congos, assistidos em cd's e dvd's, fundamentais na composição das Oficinas Culturais vivenciadas pelos sujeitos da pesquisa.

As redes tecidas em meio à articulação dos contextos culturais, políticos, sociais, econômicos, religiosos, familiares, vividos pelos sujeitos cotidianos, produzem diferentes *saberesfazeres* dependendo de necessidade e/ ou interesse pessoais e/ou locais, das histórias de vida, formações, valores e intenções. Com isso, os *saberesfazeres* que os sujeitos praticam nos cotidianos escolares não são definidos apenas institucionalmente, de acordo com as normas decorrentes de lógica hierárquica de funções e/ou formações. (FERRAÇO, 2005, p.49).

O Mestre e Artesão de Máscara de Congo de Taquaruçu e sujeito praticante, foi convidado para produzir Oficinas de Máscaras e contação de histórias. Nesta oficina foi proposto aos estudantes produzirem as suas máscaras nas coletividades, acompanhada pelas histórias e experiências do Mestre de Congo, Seu Valdeci, relatando seus territórios do brincar em épocas de menino.

A Oficina de Máscaras percorre várias etapas experienciadas nas coletividades: o preparo do barro, escolha e montagem do molde da máscara, que segue a singularidade de cada pessoa, aplicação de plástico sobre o molde de barro, colagem de tiras de jornais em várias camadas, utilizando-se da técnica conhecida por papietagem.



Imagem produzida pela autora na escola da pesquisa durante a realização da Oficina de Máscaras de congo, na etapa da produção de tiras de jornais com a técnica de papietagem.

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Após essa composição, há que se esperar por oito dias para a secagem completa da máscara. Outra Oficina Cultural foi realizada para a decoração das máscaras, juntamente com os estudantes, que puderam pintá-las com cores diferentes de tinta guache, e, com a ajuda da professora de Artes, os estudantes fizeram os acabamentos finais e costuraram os tecidos de algodão estampado a cores, do tipo chita.

Casaca:⁹ Com eles eu nunca tinha trabalhado com congo, eu aprendi tudo aqui como foi seu projeto com Mestre Valdeci e com essas confecções de congo. Eu aprendi com eles, graças a Deus eu tenho essas habilidades, mas o que aprendi sobre congo, aprendi com você e com a professora de educação física da escola, porque ela já estava um pouquinho nesses projetos, mas eu acho bacana para essas crianças terem essa cultura, eles verem onde eles vivem, não deixarem morrer a cultura deles de onde eles estão. Eu gosto muito dessas coisas, dá para levar para outras escolas, aprendi a técnica como é feita, a pintura só de olhar dá para saber como é feita eu acho bacana e espero levar isso para outras escolas.

Percebemos que, com os movimentos dos fazimentos das máscaras de congo, acontecem em diferentes temporalidades, que, segundo Kohan, (2007, p.86) o autor

⁹ Ressaltamos que usaremos os nomes dos instrumentos e indumentárias do Congo como modo de nomear os/as professores/as e os outros habitantes da *Escola do Encantado*.

apresenta três palavras, em grego clássico, utilizadas para se referir ao tempo: *o chrónos*, *o kairós* e *o aión*.

A mais conhecida entre nós é *chrónos*, que designa a continuidade de um tempo sucessivo. [...] percebemos o movimento, o numeramos e a essa numeração ordenada damos o nome de *chrónos*. O tempo é, nessa concepção, a soma do passado, do presente e do futuro. [...]. Outra é *Kairós*, significa “medida”, ‘proporção’ e, em relação ao tempo, significa momento crítico, temporada, oportunidade. Uma terceira palavra é *aión*, que designa, já em seus usos mais antigos, a intensidade do tempo da vida humana, um destino, uma duração, uma temporalidade, não numerável nem sucessiva, mas *intensiva* (KOHAN, 2007, p.86).

O fazimento da máscara acontece em várias etapas...temporalidades, intensidades, *saberesfazeres*:

Mestre de Congo: Antigamente nós fazíamos as formas de barro da natureza, não era de argila, mas era muito difícil de fazer, era o dia todo para fazer uma forma daquele barro mole. Para criança era muito difícil, tinha que fazer e ficar duas horas para colocar o papel e conseguir fazer a máscara, a oficina que eu ensino as crianças agora, eu compro a argila, faço a forma da massa. No dia eu boto o papel, faço a forma, boto o jornal e antes do jornal boto uma sacola de papel aí vai rasgando os papéis vão colocando umas doze ou quinze camadas de papel. Para formar a máscara dura oito dias.

Os tempos dos movimentos das Oficinas de Máscaras são intensos e atravessados por experiências de cooperação, solidariedade, amorosidade, paciência, e, o cultivo da atenção, da delicadeza, do aprender, do brincar, da lentidão, domínios de ações não numeráveis, nem sucessivas... Experiências de tempos *aións*, cultivadas com as artes dos encontros, como aprendemos com Larrosa (2003 e 2004).

A experiência [...] requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p. 24)

Para realizar com os estudantes as Oficinas Culturais de percussão e toadas com os instrumentos do congo, convidamos um historiador, músico e Professor de História. Esse encontro foi atravessado por sonoridades, experiências e singularidades da região, e por narrativas inventadas e entoadas por gerações que povoam os ambientes naturais. Os instrumentos foram inventados no decorrer da oficina, com o reaproveitamento de objetos e materiais usados, inventando também sons e ritmos, a partir de chocalhos, tambores de baldes e varetas de bambu.

Criamos, brincamos e inventamos situações...devires e infâncias nos educando, em redes de alegrias embaladas pelas toadas de congo inventadas nos exercícios de serem crianças, como modos essenciais de vidas, na amorosidade. Amor e brincadeira são modos de vidas e relações. São domínios de ações, como diz Maturana e Gerda Verden-Zöller:

O amor e a brincadeira não são conceitos nem ideias abstratas na história que nos deu origem. São aspecto de uma forma de vida que se manteve, geração após geração, como uma referência operacional em torno da qual mudou todo o resto, no devir evolutivo da linhagem de primatas à qual pertencemos. Ou seja, o amor e a brincadeira eram formas não-reflexivas de modos de ser mamíferos dos primatas bípedes, que foram nossos ancestrais pré-humanos: simples costumes e maneiras de relacionamento mamífero, cuja conservação como aspectos centrais de seu modo de viver tornou possível a origem da linguagem (MATURANA e VERDEN-ZÖLLER, 2011, pág. 247)

Nas redes de conversações com os estudantes e professores/as, descobrimos que os habitantes da *Escola do Encantado* desconheciam as histórias da antiga escola que antes se chamava Estação de Ciências, diante disso, convidamos o idealizador e professor, astrônomo para compartilhar narrativas e experiências com os sujeitos da pesquisa. A Oficina com o telescópio do Observatório Astronômico da escola, aproximaram os estudantes dos *espaçostempos* dos temas relacionados à Astronomia e compartilhando narrativas de suas andanças como professor e “pesquisador do céu”.

Uma explosão de perguntas surgiu com esse encontro...*Dá para ver a Lua de perto com esse telescópio de dia? E os planetas? Podemos ver também? E as fases da Lua?* As conversas entre os habitantes da *Escola do Encantado*, emergiram e aguçaram o *curiosear* sobre noções de biologia, astronomia, física, química e ciências naturais que, segundo Foucault (2006, p. 196), “[...] é o único tipo de curiosidade que, vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que busca se assimilar ao que convém conhecer, mas a que permite desprender-se de si mesmo”

Realizamos também, Oficinas Culturais de produções audiovisuais com Cinema de Animação. Esse momento foi de elaboração, produção de roteiro e de vídeo de animação, curta-metragem de 8 minutos de duração, criado pelos estudantes intitulado *Amor Mascarado*, e em parceria com o Instituto Marlin Azul¹⁰ (IMA), com verba do edital da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Cariacica/ES *João Bananeira*.

As Oficinas Audiovisuais com os estudantes, teve como zoons *saberesfazeres* socioambientais dos ambientes naturais da região, que possibilitaram *animar* os territórios

¹⁰ O Instituto de Desenvolvimento Social e de Gestão de Produção Cultural, Artística e Audiovisual Marlin Azul é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP). Disponível em: <http://www.institutomarlinazul.org/>. Acesso em 06 abril. 2013.

do brincar e do morar dos estudantes, evidenciando os lugares praticados. Nas oficinas audiovisuais os estudantes discutiram e negociaram o roteiro na coletividade e nas tessituras das redes de conversações. Eis que surge o roteiro em devires-crianças:

Turma toda fazendo atividade. Horta, porco, galinhas. Fazendo máscaras. Menina derrama ovos. Menino cai na lama no chiqueiro. Menina tenta pegar flor. Menino no espinho. Máscaras. Menino de mau humor não quer participar. Menino vê todo mundo indo para festa. Menino vai para o observatório sozinho. Aparece mascarado na festa. Os outros meninos não dançam. O mascarado dança com a menina bonita. A menina fica apaixonada. O menino dá uma flor para a menina e tira a máscara. A menina tira a máscara. Os dois se beijam. Amor Mascarado!

A arte da conversa acontece: “*O meu mascarado é um pirata*”. As meninas comentam: “*Estamos maquiando o mascarado, passando sombra e batom*”. Eu pergunto: “e vocês... Porque essas pintinhas vermelhas?” “– *O nosso mascarado está com catapora*”.

Muitas outras conversas atravessaram as Oficinas Culturais nos devires-crianças e devires-mascarados, o corpo fala..., a expressão ao vestirem as máscaras, ao brincarem com elas, ao se camuflarem coletivamente pelas matas da *Escola do Encantado* entre os Carnavais dos Amores.



Imagem produzida pela autora na escola da pesquisa após a realização da Oficina de Máscaras de congo, na etapa da pintura e decoração.

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Momentos de aprendizagens inventivas, de invenções de si e de mundos, aprendizagens de desaprender, sujeitos autopoieticos envolvidos durante uma semana no tempo *chrónos* tensionado com os tempos *kairós* e *aións*. É a arte resistindo e furando clichês, nas singularidades. Os estudantes-infames inventando a arte e furando os clichês através da arte, criando maneiras de se reencontrarem com a arte.

Nas palavras de Deleuze:

A Arte resiste: ela resiste à morte, à servidão, à infâmia, à vergonha, aos clichês. [...]. Como poderia criar para si e criar a si próprio, é por seus próprios meios, mas de maneira a reencontrar algo da arte. (DELEUZE, 1992, p.219).

É a arte movimentando, inventando traçados nas multiplicidades das redes cotidianas, fugindo das linhas retas entediantes, diluindo diferentes pontos de vistas e criando procedimentos por meio das expressões...a aposta está na liberdade dos estudantes inventando a si mesmos e seus *saberesfazeres* socioambientais.

As Oficinas Culturais afetaram todos os habitantes (trabalhadores) da *Escola do Encantado*, que são moradores da região de Roda D'Água, e alguns praticantes do Congo de Taquaruçu e pais-mães de estudantes, a pesquisadora teceu conversas com alguns sujeitos.

Cuíca. Aqui não se liga nessas coisas não. Somos da região, mas não temos convivência com essa cultura. A gente vive, mas nossa cultura passa ser outra. Temos outra cultura, sobre esse negócio de máscara, congo a gente não se liga. Ele é uma criança do bairro, mas não se liga com esse negócio, por isso nem chega a comentar. Tem o negócio do congo lá no bairro, mas ele nunca foi, nunca participa porque é mais de atividades de igreja mesmo, e essa atividade aí a gente acha meio estranho por ser uma cultura, é um negócio esquisito.

Entrando na cozinha...nos deparamos com os cheiros, sabores, saberesfazeres das Artes de Cozinhar...fios das conversas enredados com as culinárias da *Escola do Encantado*...

Apito. Vi aqui a máscara no ano passado. Porque já é daqui de Roda D'água a gente já trabalha o congo, a comida daqui, nós fizemos o soteco que já acompanhando a origem do congo de Roda 'água. Soteco é feito com banana 'devez', é uma sopa salgada que já servimos na merenda da escola no ano passado. É com banana nanica, vai carne seca, linguicinha.

As conversações tecem fios de solidariedade com as produções das Oficinas Culturais, é a arte de conversar atravessando as coletividades dos habitantes na *Escola do Encantado*. Como nos aponta Tristão (2013, p. 159): “A questão ecológica pode ser um fator mobilizador da solidariedade planetária, cria uma simbiose entre local/global pelo

seu poder de partilhar com diferentes sujeitos, coletivos e contextos, ações com princípios éticos”.

Fios das conversas abordando as questões sobre as *dificuldade-fragilidades-restrições* em acompanhar processos e propor pesquisa-intervenção na escola...

Bandeira: Considerando as dificuldades que a gente tem para dar continuidade, é o convívio deles, é a história deles, a maioria tem familiares que estão nas bandas de congo e até para os professores porque eu não sou da região dessa cultura e eu aprendi.

Fios das conversas sobre a entrada da produção da máscara como prática cultural na escola...nessa conversa o professor foca no enraizamento do congo como prática cultural...

Chocalho: Eu acho que é um vínculo fundamental esse enraizamento, a escola dessa região deve ter sempre congo, cada região a escola precisa ter essa caracterização, desse enraizamento. Então, a gente trabalha conteúdos universais, mas são projetos assim que fazem o aluno colocar os pés no chão de onde ele é, estudar a geografia do lugar dele, a cultura do lugar dele, costumes então, quando você fala de contextualizar a educação, de regionalizar é esse tipo de projeto que as escolas precisam. Um ajuda o outro, um observa o outro, um começa e o outro termina fica um processo de criatividade coletiva que é uma coisa complexa e não uma coisa simples.

Nossa tentativa com a realização da Oficinas Culturais foi apostar nas intensidades da vida, nas invenções de si e de mundos no arejar, ventilar e flertar com as artes. Diante disso, que singularidades atribuir as Educações Ambientais Autopoiéticas a partir das realizações das Oficinas Culturais tecidas entre as redes cotidianas escolares?

As Oficinas Culturais foram tecidas por temporalidades, negociações nas coletividades produzindo Educação Ambiental Autopoiéticas em redes de conversações na vida cotidiana comprometida com a cooperação, a solidariedade e a aceitação do outro como legítimo outro junto a nós no conviver na amorosidade, e inspirada na poesia de Manoel de Barros (2010), *“Quando o menino ‘e a menina’ disseram que queriam passar para as palavras suas peraltagens até os caracóis apoiaram”.*

Outros modos de caminhar com os mascarados do congo

A gente gostava das palavras quando elas perturbavam os sentidos normais da fala.
(MANOEL DE BARROS, 2010)

Esse artigo desejou ser um exercício-deslocamento coletivo de discussão do potencial das Oficinas Culturais nos movimentos de cartografar e problematizar a

produção dos Mascarados do Congo, e seus atravessamentos com as redes de conversações cotidianas da *Escola do Encantado*.

Com as produções das Oficinas Culturais, apostamos nos movimentos da Educação Ambiental Autopoiética, em que os seres vivos constituem o mundo e são constituídos por ele numa autoprodução, apostando nas relações, no compartilhar, na solidariedade e na aceitação do outro como legítimo outro junto a nós no conviver amoroso, negociando as tensões e os conflitos culturais da vida cotidiana.

A pesquisa desejou com as redes de conversações dos processos de produção dos Mascarados do Congo, apostar na potência da vida, nas experiências, nos bons encontros, potencializando dimensões éticas, políticas e estéticas, nos movimentos de invenções de si e de outros mundos, articulando a vida cotidiana, seus rastros, cheiros, sabores, gestos, risos, saberes, poesias, fazeres, sons, afetos e alegrias.

E peço emprestadas as palavras da interpretação de Maria Bethânia (1985) para continuar essas conversas, encontro se brincadeiras, em outros espaçostempos de convivências... *Você verá que a emoção começa agora. Agora é brincar de viver. [...] Eu desejo amar todos que cruzar pelo meu caminho... como sou feliz eu quero ver feliz vem andar comigo vem[...] Agora é brincar de viver! Vamos brincar de viver?*

Atualmente a pesquisa com as Máscaras de Congo, continua sendo desenvolvida pela autora do artigo, com o ingresso no doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba (Uniso/SP). O desejo é continuar potencializando experiências em diferentes espaços de convivências, formação e de aprendizagens inventivas, dialogando com políticas cognitivas, epistemológicas e de narratividade, principalmente apostando nas dimensões políticas, ambientais e pedagógicas dos que vêm das *margens* (REIGOTA, 2013) e, com inspirações nas contribuições éticas, estéticas e políticas, presentes no pensamento de Paulo Freire (FREIRE, 2009) no campo da Educação Ambiental.

As máscaras em um trabalho inconcluso! Potencial criador e problematizador que acompanham as máscaras, os mascarados, os espíritos-santos-mascarados. As máscaras nas práticas culturais capixabas e seus *saberesfazeres* socioambientais na atualidade, nos cotidianos escolares e nos espaços de convivências. O que podem as máscaras? O que pode um cartógrafo nos cotidianos das Educações Ambientais? O que pode os Carnavais dos Amores? (RAMOS, p. 117, 2013)

Referências

- ALVES, N. Sobre as razões das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: GARCIA, L. R. (Org.) **Diálogos cotidianos**. Petrópolis, RJ: DP et al, Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010.
- ALVES, N; GARCIA, R. L. (Org.). **O sentido da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- ARANTES, G.; LUCIEN, J. **Brincar de viver**. PL: Despertar, 1985.
- BARROS, M. **Menino do mato**. São Paulo: Leva, 2010.
- CARVALHO, J. M. A razão e os afetos na potencialização de “Bons encontros” no currículo escolar: Experiências cotidianas. In FERRAÇO, C. E. **Currículo e Educação Básica: Por entre redes de conhecimentos, imagens, narrativas, experiências e devires**. Rio de Janeiro: Rovelte, 2011.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano – artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2008a.
- CERTEAU, M. A. **Cultura no Plural**. Campinas, SP: Papyrus, 2008b.
- DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Ed.34. 1992.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Volume 1. São Paulo: Ed. 34, 2011.
- _____. **Kafka**. Para uma literatura menor. Assírio & Alvim, Lisboa, 2003.
- FERRAÇO, C. E. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, R. L. (org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 157-175.
- _____. (Org.). **Cotidiano escolar, formação de professores (as) e currículo**. São Paulo: Cortez, 2005.
- _____. **Currículo e Educação Básica: Por entre redes de conhecimentos, imagens, narrativas, experiências e devires**. Rio de Janeiro: Rovelte, 2011.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- FOUCAULT, M. O uso dos prazeres e as técnicas de si. In: FOUCAULT, M. **Ditos e escritos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- GONZALEZ, S. **Educação Ambiental Autopoiética com as práticas do bairro Ilha das Caieiras entre os manguezais e as escolas**. 2013. 159 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.
- GONZALEZ, S; RAMOS, A. T. Educação ambiental numa perspectiva autopoiética na formação de educadores/as. **Pró-Discente: caderno de produções acadêmicas-científicas do Programa de Pós-Graduação em Educação**. Universidade Federal do Espírito Santo, v. 18, n. 2, jul./dez., Vitória, ES, 2012.
- _____. Educação ambiental Autopoiética na vida cotidiana. **Textura**. Canoas/RS. v.16. n. 30. Jan/abr. 2014. p.86-106.
- KASTRUP, V. **O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo**. Psicologia & Sociedade, 19 (1), p.15-22, jan/abr.2007.

- KOHAN, W. O. **Infância, estrangeiridade e ignorância**: ensaios de filosofia e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- LARROSA, J. Experiência e paixão. In: LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autentica, 2004.
- _____. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. n.19, jan./fev./mar./abr.2002.
- _____. A arte de conversa. **Pedagogia improvável da indiferença**: e se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p.211 – 216.
- MATURANA, H. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.
- _____. **Emoções e linguagens na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- _____. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- MATURANA, H.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento**. Campinas/SP: Psy, 1995.
- MATURANA, H. **De máquinas e seres vivos. Autopoiese – a organização do vivo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- MATURANA, H. REZEPKA, S.N. **Formação humana e capacitação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- MATURANA, H. G.VERDEN-ZOLLER, G. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia**. São Paulo: Palas Athena, 2011.
- MATURANA, H. XIMENA, D. Y. **Habitar Humano em seis ensaios de biologia cultural**. São Paulo: Palas Athena, 2009.
- PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- RAMOS, A. T. **Educação ambiental entre os carnavais dos amores com os mascarados do congo de Roda D'Água**. 2013. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, 2013.
- REIGOTA, M. A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens. **Teias**. Rio de Janeiro: ano 11, nº 21, jan/abr 2010. Disponível em: <<http://periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/viewFile/533/446>>. Acesso em: 31 jul. 2013.
- REVEL, J. **Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.
- TRISTÃO, M. **Uma abordagem filosófica da pesquisa em educação ambiental**. In: Revista Brasileira de Educação, v.18, n. 55, out./dez. 2013, p. 847-860. ISSN 1413-2478

*Recebido em: 28-04-2015.
Publicado em: 09-12-2015.*